



As pessoas com piores condições sociais têm de se expor mais

Henrique Barros
Epidemiologista

Menos escolarizados são os que mais estão a sair para trabalhar

Ana Maia

“A exposição e a doença não são fenómenos aleatórios”, dependem da região, das condições sociais, da idade e do sexo

Houve um aumento de perto de 50% do trabalho fora de casa entre os dias 23 de Março e 10 de Maio. Mas esta foi sempre uma realidade mais presente para as pessoas que têm menos escolaridade. Foi também este grupo que menos recorreu ao teletrabalho e que mais frequentemente contactou com pessoas fora do agregado familiar.

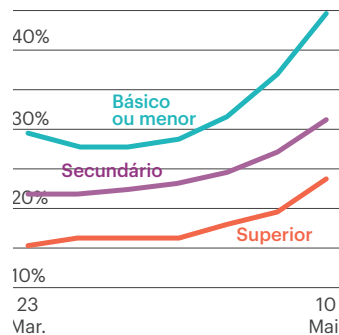
Diários de uma Pandemia, iniciativa do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP) e do Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores Tecnologia e Ciência (INESC TEC), com o apoio do PÚBLICO, permitiu traçar a experiência das pessoas ao longo de sete semanas. Desde 23 de Março, inscreveram-se 13.517, das quais 11.916 viram a sua participação validada e preencheram online 207.819 questionários.

Durante este período (23 de Março a 10 de Maio) foi possível perceber que houve um regresso gradual ao trabalho fora de casa. Do total de inquiridos empregados (8015 do total de 11.916), 17% estavam a trabalhar fora de casa no fim de Março, percentagem que aumentou para 21% na última semana do estado de emergência e que chegou aos 25% até 10 de Maio. O trabalho fora de casa “manteve-se sempre mais frequente nos inquiridos com menor nível de escolaridade, onde atingiu o valor mais baixo na primeira quinzena de Abril (28%), aumentando para 45% de 4 a 10 de Maio”. Por outro lado, entre os que têm ensino superior, o trabalho fora de casa foi menos frequente: passou de 16% no final de Março para 23% na semana entre 4 e 10 de Maio.

No mesmo período, registou-se

Pessoas que trabalham fora de casa

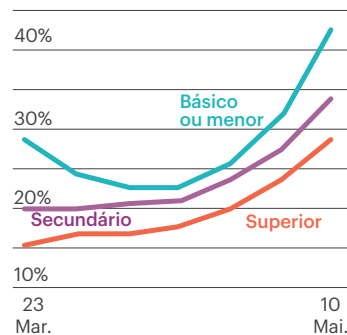
Por escolaridade



Fonte: ISPUP

Os que contactaram com 5 ou mais pessoas fora do agregado familiar

Por escolaridade



PÚBLICO

uma diminuição do teletrabalho – “pouco acentuada” quando comparada com o aumento do trabalho fora de casa, o que, para os investigadores, poderá dever-se à adoção de modalidades mistas: trabalho dentro e fora de casa de forma parcial. Quanto menor o nível de escolaridade “menos frequente foi o regime de teletrabalho e maior foi a sua diminuição percentual ao longo do tempo”.

Os trabalhadores da área metropolitana de Lisboa foram os que menos menos trabalharam fora de casa. Nas regiões Norte e Centro registaram-se os maiores aumentos de trabalho fora de casa. Para Henrique Barros, presidente do ISPUP, se é verdade que o desconfinamento pode ter “uma explicação simples, que é a fadiga do confinamento”, também reflecte um outro lado: o “problema da necessidade”. Dá um exemplo pragmático: a evolução das idas ao supermercado. “À medida que a despensa fica vazia, a pessoa vai às compras. Mas saíram menos as pessoas com ensino superior, provavelmente por terem maior capacidade de *stock*.”

“As pessoas com piores condições sociais têm de se expor mais. A exposição e a doença não são fenómenos aleatórios dependendo da região, das condições sociais, da idade e do

sexo”, diz. “Há um perfil e as pessoas mantêm-se no seu perfil. É a prova daquilo que somos enquanto sociedade. Os apoios sociais não foram capazes de atenuar as desvantagens sociais o suficiente para as curvas se aproximarem.”

Eventual reflexo do aumento do trabalho fora de casa, registou-se um aumento dos contactos presenciais diários com cinco ou mais pessoas fora do agregado familiar, que “quase duplicaram entre 23 de Março e 10 de Maio”. Passaram de 16% para 30%. Os contactos diários foram mais referidos pelos residentes nas regiões Centro (37%) e Alentejo (36%) e menos frequentes na área de Lisboa (25%). Foram também mais frequentes nas pessoas com o ensino básico ou menos: 43% na semana de 4 a 10 de Maio, comparado com 34% e 30% reportados por indivíduos com o ensino secundário e superior.

Entre o final de Março e 10 de Maio duplicaram as visitas a casa de familiares e amigos. O mesmo aconteceu com o número de idas a estabelecimentos comerciais (que não supermercados e farmácias). Foi mais visível entre os homens e as pessoas com 60 ou mais anos.

amaia@publico.pt